

A MONARCHIA CONSTITUCIONAL

E OS

LIBELLOS

—
O. D. C.

AO ILLM. E EXM. SR.

JOÃO DE ALMEIDA PEREIRA

DO CONSELHO DE SUA Magestade o Imperador, MINISTRO E SÉCRETÁRIO
DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO IMPÉRIO, VEADOR DE SUA Magestade
A IMPERATRIZ, DEPUTADO Á ASSEMBEIA GERAL LEGISLATIVA

O DR. DAVID DE CANAVARRO

Formado em medicina pela Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro,
Cavalleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, Medico consultante
do hospital de Beneficencia Portugueza e da sociedade Dezeseis
de Setembro, ex-interno e Medico adjunto do hospital da Santa Casa da
Misericordia da corte, laureado no mesmo em 1854,
ex-deputado á Assembléa Legislativa da provincia do Amazonas,
Inspector da saude publica e Commissario Vaccinador da mesma provincia,
Membro da Instituição Parochial de Caridade, Socio effectivo das
sociedades Physico-Chimica, Instituto Episcopal Religioso e Imperial
Amante da Instrução, e ex-cirurgião do corpo de saude do exercito,
por Sua Magestade O Imperador, etc., etc.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO, DE BRITO & BRAGA.

Travessa do Ouvidor n. 17.

—
1860.

Illm. e Exm. Sr.

Offertando a V. Ex. o trabalho que me foi dictado pelo coração, no qual se alimenta toda a vida de amor, que consagro a este paiz, onde nasci, cumpro um dever que me foi imposto pela alta consideração que merece V. Ex., e conceito que goza, entre seus concidadãos, onde o nome de V. Ex. já é um garante de probidade, de honra e de merecimentos inquestionaveis.

V. Ex., hoje ministro de estado, e conselheiro da corôa, representa um dos mais fieis alliados de suas crenças, cuja lei é toda baseada na estabilidade da Monarchia Constitucional Representativa, e sem duvida só a V. Ex. poderia eu, cheio de minhas convicções, dedicar o meu opusculo; porque V. Ex., que estuda as nossas cousas patrias com exemplar talento, e que as sabe avaliar como estadista cujo futuro é dia por dia abrilhantado, com merecidos triumphos pela causa publica, que V. Ex. com tanta dignidade representa e acoroça: em muito se dignará ceder sua proverbial benevolencia, lendo e acceitando o livro, escripto por um de seus concidadãos que, em épocas calamitosas do paiz não recuou diante de consequencia alguma para cumprir seus deveres, arriscando-se para salvar com sua profissão aos seus conterraneos que erão dilacerados; e em todo o tempo confessa e patenteia o mais decidido e acrizolado amor, fazendo timbre em devotar-se pela causa do Imperante, e pelo Throno, prompto a denodadamente expôr-se pela Monarchia Constitucional Representativa, da qual é Preclaro Chefe o Muito Alto e Muito Virtuoso Senhor D. Pedro II.

Estou profundamente convencido que a importancia do assumpto a que me propuz, e o nome de V. Ex., que com todo o respeito faço estampar no meu livro, darão valiosa consideração ao autor, que só foi guiado pela vontade pa-

triotica de pôr-se em frente de transfugas, que agasalhados e acobertos com o nosso pavilhão nacional, ainda o pretendem retalhar.

Era indispensavel não deixar que fossem adiante, e que á face da Nação que protege a todos os seus filhos, ouvissem e soffressem esses trucidadores da consciencia publica, a sua condemnação.

Assim pois, Exm. Sr, peço venia a V. Ex., e deposito nas mãos de V. Ex. o *libreto*, que intitulei — A MONARCHIA CONSTITUCIONAL E OS LIBELLOS —, confiando que com todo o patriotismo, V. Ex. o acolherá, porque é minha convicção que só a V. Ex. o posso consagrar, dedicar e offerecer.

De V. Ex.

Compatriota e reverente criado

DR. ANTONIO DAVID VASCONCELLOS CANAVARRO,

JUNHO, 1860.

PROLEGOMENOS.



Ao correr do anno de 1849, o paiz foi sorprendido com a appareição intempestiva de um *Libello* formidavel, cuja paternidade para logo se attribuiu a um homem ambicioso e refractario, que já muito antes havia dado provas de suas tendencias funestas contra a monarchia constitucional do Brasil, a mesma que, sempre generosa e magnanima, não duvidou mais tarde chamal-o aos seus conselhos como ministro da nação.

Nesse escripto, inspirado pela linguagem das paixões violentas, transudava um pensamento sinistro : pretendia-se que o Sr. D. Pedro II, nosso idolatrado monarcha, fôra o culpado da mudança que repentinamente se operára na politica daquella época, um anno anterior ; e, portanto, tratava-se de desconceituar a monarchia expondo-a aos tiros da calumnia e da infamia—e sujeitando-a a ouvir impassivel as injurias atrozes que se atirava ao jazigo eterno de seus augustos progenitores.

E por que tudo isso ? Só com o fim de magoar profundamente o coração do Principe illustrado e magnanimo, que o augusto fundador do Imperio entregára aos desvelados cuidados dos Brasileiros, ainda quando envolto nos enxovaes da puericia ; pretendendo-se levar tambem ás fibras intimas do coração do filho, desgostos e amarguras taes como resignadamente soffrêra seu pai tambem soberano, e que preferira a tranquillidade de um povo aos gozos de uma corôa.

Escripto com uma linguagem insinuante e accommodada ás paixões rudes e desenfreadas das massas, o *Libello do Povo* agradou aos incautos ; porém os homens que tinham tudo a perder, a parte sensata, esclarecida e honesta da população, recebeu com desconfiança e assombro esse parto energumeno de *Timandro*, que exprimia tão sómente o descontentamento profundo de alguns adeptos do partido liberal, os mesmos que pelos seus excessos e desvarios o haviam levado á dissolução e á morte.

Só o excesso dessas paixões podia arrastar o *libellista* até ás blasphemias !

Foi o que aconteceu.

O anjo máo lhe esvoaça em torno, e perdida a razão—elle penetra como um louco os regios paços para insultar o seu rei e o seu bemfeitor !

Um riso de compaixão, porém, assoma aos labios do monarcha ultrajado ; seus olhos voltão-se para o céu, e elle exclama como o martyr do Golgotha, cuspidos e injuriado pelos seus algozes :— Perdoai-lhes meu Deus, que elles não sabem o que fazem !

Dez annos passados em sombrio arrependimento, trazem esse louco ao caminho da serenidade, e elle vem como Abrahão offerecer seu filho á fogueira !

Timandro dilacera o seu livro e cahe de joelhos constricto na presença do Imperador, a quem jura *dedicação sem limites !!!*

Apreciem desde já os leitores os nobres sentimentos, e os caracteres honestos dos *Republicanos* da nossa cara patria !..



I.

Analyse rapida sobre a apreciação do systema democratico,
e vantagens da Monarchia no Brasil.

VIAGEM IMPERIAL E A CORTE.



*O Governo Representativo é a mais sublime,
e a mais util descoberta do espirito humano.*

JOUY.

Os exemplos edificão: — os máos habitos não são a partilha de um unico homem; elles achão imitadores em todas as sociedades do mundo.

Estamos na época de 1860: o paiz repousa tranquillo e cheio de esperanças no seu futuro; nem ha vagas inquietações no momento politico.

Os espiritos serios e reflectidos — não veem males a conjurar: o espirito popular animado por um presente todo favoravel, escarmentado por um passado todo de dolorosa recordação — não se presta a lançar ás aventuras do porvir a derradeira esperança.

E' uma mentira!

Entretanto, temos um novo — *Libello* — *Os Cortezãos e a viagem do Imperador* — que vem tomar a dianteira a *Timandro*; é um outro sarcasmo quicá mais tresloucado, e mais intempestivo, cuspidó á face de uma sociedade que marcha tranquilla e regularmente na fé de suas instituições; é mais uma injuria, talvez mais cruel, com que de novo se pretende magoar o coração do Principe bemfeitor, que dirige os destinos da terra de Santa Cruz; é mais uma affronta feita aos brios de uma nação que se orgulha de representar o primeiro papel na America Meridional!

Novo *Libellista* — que vaga e estranha anxiedade opprime a vossa alma?

Que vos importa essa procissão pomposa do Imperante através das populações?

O que enxergais de *sombrio e funebre* nesse quadro animado pelas alegrias de um povo inteiro?

Sonhais conspirações, desejareis conjura-las, e sois o primeiro conspirador?!

Sim, conspirais contra a realleza, conspirais contra o paiz, contra as suas instituições; em uma palavra, conspirais contra a vossa propria liberdade!

O que pretendeis que traga melhor futuro para estas terras da America?

Novo reformista, o que quereis? Qual é o vosso fim? Por ventura conheceis bem o vosso paiz?

Mentira!

Quereis imitar o sonho do poeta exilado, mas o vosso gémido vos trahe.... porque nem sois poeta, sois visionario....

Serenai a vossa razão e escutai-nos tambem, já que viestes lançar sobre vossos irmãos o estigma condemnado.

Ides ouvir a linguagem prudente e calma de um americano como vós, porém mais amigo do solo em que nasceu.

Não vos concedo o direito de amardes mais do que eu amo a minha, e devo dizê-lo a—nossa pátria.

Filho do vasto territorio brasileiro, meu berço está assentado no Pará, um dos florões mais magestosos da corôa brasileira, uma das estrellas mais luminosas do pavilhão nacional, que podia só por sua extensão formar uma potencia formidavel; pois bem, filho do paiz e ali nascido, não serei eu nunca que posso querer magoar meu coração vendo minha patria retalhada e feita presa de estrangeiros, como aconteceria, se por ventura prevalecessem no paiz as loucas idéas, que vos preoccupão o espirito exaltado pela febre das paixões politicas, que tendes engendrado com a ambição de vossa mente.

Conheço ingenuamente, tenho mesmo convicção de que a causa constitucional não precisa desta defesa, só ditada pelo amor patriotico e sempre justa, quando a faz, quem se preza de ser Brasileiro; porque defendida e salva está a causa da patria por si mesma e por suas instituições que guarda sempre a constituição dos ataques, que as tendencias absurdas da democracia procurão entreter, só com o calculo de tudo desorganisar; além de que, existe uma dissimilhança tal de verdade que não póde ser devassada pelos *argos* da actualidade.

Pennas muito habilitadas, caracteres muito conspicuos e muito probos, não puderão conter-se e vierão á arena para

apparecer refutando esse pernicioso—*Libello*, que nada vale na apreciação conscienciosa do paiz, porque a phraseologia que amalgamastes tem a côr e o sabor de outras que a reduzem ao plagio. E bem fizeram esses escriptores, que erguendo-se todos á uma voz, como o homem forte da Escripura, vencerão, no proposito de debellar pretensões que talvez só pudessem ser avaliadas pela temeridade e pelo arrojo da expressão!

Linguagem arrojada e insolente com a qual nodoaveis a graça munificente da corôa, que derramava sobre o nome de um filho do paiz a mercê de uma condecoração, sem ao menos — tal era a bondade — poder prever que o agradecimento estava na ponta afiada do punhal, limado pela penna do homem que havia de ornar seu peito com uma ordem honorifica, na qual está o symbolo do — *amor e lealdade*!

E sem duvida vos proclamareis — genuino republicano! porque como tal, vós o sereis sempre, quando da régia mão, com ademanes de cortezão, recebeis o timbre que vos distingue na sociedade.

Desengane-se o nosso idolatrado Imperante, e aqui com respeito lembramos, que na distribuição dos seus paternaes favores e beneplacitos, toda a prudencia e cautela deve ser reclamada, para que não gozem beneficios os que só sabem retribuir com descomedimento as graças e a clemencia remuneradora. As condecorações exalçam seu valor quando tendem a recompensar serviços, do contrario perdem o seu merito real.

E' por isso que a Legião de Honra em França, a famosa medalha que Napoleão distribuiu entre os seus bravos, ha sido em todos os tempos e em todas as épocas um objecto da veneração dos Francezes, ainda mesmo dos demagogicos mais freneticos e mais exaltados!

Libellista, se tendes coragem para injuriar o Soberano, para conspirar contra as instituições que nossos pais jurarão manter e guardar a preço do seu precioso sangue; se sois um democrata *puro*, nunca tão puro como qualquer daquelles que existem no exilio sobre a terra de Jersey; se sois um patriota illustrado, analytico e consciencioso: não occulteis o vosso nome quando intentais tratar de uma causa que chamais da patria.

Sim, fazei-o, por dignidade se a tendes, porque a justiça

como a verdade, como a razão, não se acobardão nem se acontão com a modestia, quando se trata de importancia de principios e doutrinas que, como as que escrevestes, representam a phrase do hypocrita!

Se a vossa causa é boa, sustentai-a, se sois capaz; escudai-vos nella se tendes coragem, mas não vos acobardeis, como o fizeste, intrincheirando-vos no anonymo de duas iniciaes, cuja traducção vos pôde ser fatal!

Ouvi este prudente conselho que vos dá um monarchista convicto da estabilidade do Sr. D. Pedro II, e que por amor de Sua Augusta Pessoa e de Sua Augusta Familia nunca duvidou servir com lealdade o paiz, e ainda hoje, conservando a sua faculdade de medico, resignaria tudo para acompanhar camaradas ao campo dos combates, e pelejar pela causa nacional.

Não recuo diante das consequencias, porque nunca estre-meci diante das linguas viperinas, e assim se isto que deixo proposto vos desperta as iras, repito-vos com a maxima do sabio — « Que o homem mais feliz neste mundo é aquelle que reconhece inimigos. »

Fallemos agora ao *Libellista*, e entremos no desenvolvimento que nos propuzemos. Dizia *Mably*, tratando dos governos do mundo: « Um Estado immenso não se governa com um punhado de homens. »

« O governo republicano só é proprio para o céu; o monarchico para o mundo; e o despotico para o inferno. »

Attendei ainda aos sentimentos de *Jouy* sobre o mesmo assumpto, que se exprime da seguinte fórma:

« De todos os systemas de governo, o monarchico representativo é o unico que se conforma com a moral: elle impede a corrupção das virtudes do Monarcha, apoia sua fraqueza, reprime a sua força, e o mantem por todos os lados nos limites da justiça.

« Este governo é a concepção mais admiravel da sabedoria: elle garante a um mesmo tempo o poder do Monarcha, e a liberdade dos subditos; torna inviolavel a pessoa d'aquelle e os direitos destes; e faz pesar sobre os ministros a responsabilidade dos actos do governo que elles dirigem. De todos os governos, o monarchico é o mais estavel, porque aquillo que existe na vespera existirá no outro dia; nada mudará suas leis fundamentaes, nem a ordem por ellas estabelecidas: o throno levantado sobre bases solidas e

immutaveis, continuará, seja qual for o principe que o occupe, a dominar o Estado sem o destruir, porque sendo o Monarcha revestido de todo o poder para fazer a felicidade de uma Nação inteira, não tem autoridade para fazer mal a nenhum dos seus subditos.»

Escutai ainda a confissão genuina de um ministro da igreja, o exaltado republicano *abbade Siéges*, voltando á sua razão; « Não é para acariciar antigos habitos, nem tão pouco para incensar o realismo que prefiro a monarchia a todo outro qualquer governo, onde não vejo na pessoa do chefe o centro de segurança publica e individual, porque estou intimamente convencido de que ha mais liberdade para o cidadão em uma monarchia, do que em uma republica. »

Claro está, que a excellencia do governo monarchico representativo proclamado pelos grandes estadistas e aceito pela unanime vontade dos povos, é o que convem ao Brasil á vista de seus elementos heterogeneos.

Não era sem razão que o grande homem Napoleão, tratando dos governos, exprimia-se desta fórma—« *Le systeme du gouvernement doit étre adapté aux circonstances du moment.* »

Com effeito, no espirito deste pensamento enxergamos um principio de eterna verdade. E' por isso que não concordamos com as perniciosas idéas do *Libellista*, quanto á mudança do governo monarchico para o *popular*, ou antes para o *anarchico*.

Quem não sabe que o Brasil só poderá ter um futuro grandioso debaixo da fórma de governo constitucional, por ser aquelle que está em perfeita harmonia com os seus elementos naturaes? Quem não comprehende os resultados das decepções por que tem passado mesmo em face da nação os que com resistencia armada tem pretendido desenrolar outra bandeira cujas côres não são as da monarchia?

Os nossos costumes, habitos, indole e religião, já foram predestinados para um governo monarchico; qualquer outra fórma de systema governamental, que se proclamasse, seria o passo mais precipitado que poderíamos dar, e para corroborar esta asserção olhe-se para as republiketas do Equador.

Mudanças de governos á força estabelecidos, jurados e constituídos pela nação, trazem sempre consigo consequências fataes, e muito principalmente quando ellas encontram opposição nos elementos nacionaes, ou não demonstrão utilidade manifesta e real.

Não é tão sómente nossa esta opinião; *Adams* discorrendo diz o seguinte: « A experiencia adquirida pelos momentos da historia me tem feito ver que as mudanças de governos dão sempre um passo anti-político, e que os povos no deslocamento das pedras destes edificios são sempre victimas da temeridade e imprudencia dos collaboradores de taes mudanças. »

Por ventura não conheceis em materia de politica, que é um grande erro o pretender regenerar repentinamente o povo de uma nação, acostumado a seus antigos habitos?

Quereis ouvir a opinião de *Gourgand* a respeito do governo popular, mas notai bem, o governo popular, mas não o *especulativo*, o governo da liberdade? — eil-a: « O governo popular é tão sómente proprio para cidadãos virtuosos, que fazendo timbre de sua felicidade nacional, respeitão as leis e as autoridades constituídas; porque só assim os actos da autoridade poderão ser revestidos do espirito de ordem, de justiça e de moderação: fóra deste unico caso, elle arrastará ao precipicio a nação que o adoptar, pela contradicção do seus resultados; visto que sem ordem se torna um cáhos em que se submergem, tanto o credito publico como a fortuna dos particulares; sem justiça, desênvolve-se partidos que não apresentam senão oppressores e victimas; e sem moderação desaparece aquelle character augusto das nações e dos governos, que mantêm a força e a duração das instituições sociaes. »

Mas vós que nem ao menos vos dais ao trabalho de confrontar as vantagens collhidas com o systema de nosso governo, com as desvantagens que enunciastes para outros mas não para vós, que á custa do actual systema tendes ganho, — vindes apregoar como accusação o systema de corrupção.

Se é verdade porém o que dizeis a respeito da corrupção dos nossos homens e que o paiz marcha para o regresso, devido isso á falta de justiça e patriotismo; como pois ambicionar uma mudança de governo, ondenão ha patriotismo e justiça; com que elementos querereis constituir-vos? E' um erro por sem duvida em politica. E' mesmo regra geral que sem a tolerancia a vida social é um estado de guerra, e sem a justiça e religião será um estado impossivel.

Ainda mais, a justiça, dizia um escriptor, é a alma da sociedade, e assim como o corpo se dissolve quando a alma se retira, a sociedade perece quando della se retira a justiça.

Portanto pronunciastes palavras de um visionario, e não praticastes nada de util, de real e de vantajoso, e, caso admiravel, sois um representante desta nação que espesinhais! E nem por isso tendo á mercê de vossa razão a cadeira que vos deu o povo no parlamento, vos animais a projectar a reforma consentanea com a situação que lastimais!

Cicero, fallando á patria, julgava que o melhor dos governos seria o *mixto*. Tacito, opinava quasi semelhantemente e dizia, que o melhor seria aquelle que resultasse da combinação de tres poderes equilibrados.

A respeito da fôrma de governo que mais convem adoptar-se, os publicistas modernos não têm sido mais felizes.

As suas theorias ou têm sido muito engenhosas, ou têm parecido que o são; a pratica, porem, tem desmentido altamente taes theorias.

Tem-se visto a rapidez com que tantas constituições têm nascido e morrido, e a fatalidade com que as esperanças dos povos se têm dissipado.

Isto prova que taes systemas apresentam defeitos em sua essencia e em sua origem, pois que taes constituições combinadas por tal ou qual interesse, agazalhavão o germen da sua propria dissolução; mas quando se trata da nossa constituição, obra prima de intelligencias superiores, e amestradas pela pratica liberal e sempre de facil exequibilidade pôde-se sem receio ou duvida acreditar que ella tem força para resistir não só aos pequenos choques, mas ainda aos grandes furacões, que contra ella se levantem ou se intentem.

E' isto que temos colhido do estudo dos livros, da experiencia dos mestres e da linguagem calma, pratica e reflectida dos que fazem bom conselho da razão.

A politica, na opinião do *conde de Maestre*, é uma sciencia espinhosissima, e apresenta um phenomeno que as outras sciencias não costumão apresentar: é que, aquillo que o simples bom senso reputa uma verdade incontestavel, se acha falso quando se exercita; é que aquillo que se comprehende uma verdade real, quando se inicia, pôde falhar inteira ou quasi inteiramente na pratica.

Para não irmos mais longe, para não compulsarmos muitas paginas da historia antiga e contemporanea, permita-nos o novo *libellista*, a quem dirigimos a palavra, que lhe lembremos o resultado funesto das paixões politicas, e o que

produzirão taes odios na Inglaterra, na França, ultimamente na Hespanha e ha pouco tempo entre nós, onde se resentio o choque. Ouçamos a este respeito a opinião prudente e avisada de um publicista de nota. « Vêde as prisões destinadas para o crime, cheias de victimas innocentes: vêde o sangue immenso derramado nos campos, nas estradas, nas ruas, nas praças e nos patibulos.

« Se as paixões politicas dão energia ás massas, ou aos individuos, essa energia é menós propria para crear, que para destruir. Se dão fogo aos genios, esse fogo não é o que suavemente aquece e vivifica; são labaredas que queimão; são chammas que devorão. Se têm feito apparecer oradores cuja voz aliás nunca se ouviria, esses oradores não são *Bossuet*, que fez a admiração da sua idade e das gerações futuras; *Massillon*, que tanto sabia unir ás inspirações da fé, e aos argumentos da razão, a insinuante linguagem do sentimento; são *Mirabeau*, escaldando as imaginações com a sua eloquencia revolucionaria; *Gaston*, exclamando que Paris, como o Etna, devia vomitar do seu seio a aristocracia calcinada; o convencional *David*, em pé sobre o seu banco, gritando como um energumeno, e pedindo que o assassinassem; *Marat*, orando com uma pistola na mão, e apontando-a para o ouvido, invocando a guilhotina, incitando o povo ao assassinato, pedindo duzentas mil victimas e a cabeça do seu rei!

« O homem na exaltação das paixões politicas é um monstro mais cruel que os tigres da Hircania! Elle assassina o amigo, e cuida fazer nisso uma acção meritoria; o bemfeitor, e jacta-se de se não deixar vencer da consideração dos beneficios; o pai, e ostenta sobre o seu cadaver uma alegria rude e feroz. »

Agora as applicações sobre o systema republicano. O que são hoje essas famosas republicas, que avassallarão por algum tempo o universo conhecido?

O que é feito de Roma, onde está Athenas, onde existe a Grecia?

São tres cadaveres que passam sobre a terra de suas gloriosas tradições, tres pergaminhos apagados de proezas que já forão!

Reformista, fallo comvosco, e pergunto-vos, quaes serão as vantagens que a nossa patria colheria ao entregar os destinos do paiz a um governo popular?

Não tendes á vista a historia dos acontecimentos por que

têm passado os desgraçados governos republicanos, no velho e novo mundo? Por ventura quereis mais liberdade do que aquella que vos faculta a nossa constituição jurada?

Julgo-vos um delirante!

Desgraçado do Brasil, se por ventura vingassem as vossas opiniões ácerca da nossa sublime forma de governo. O que não seria do Imperio, quando tivessemos por base de união um governo *popular*, e este no centro de populações heterogeneas, dilaceradas pelo furor das guerras intestinas, semelhantes áquellas das republiquetas hespanholas?

Triste sorte estaria reservada a nós, Brasileiros, se, longe de fruirmos os bellos e sasonados fructos de uma emancipação politica tão regularmente outorgada pelo primeiro Imperador; tão habilmente mantida pelo segundo; fossemos hoje experimentar uma nova prova dos desvarios populares concitada por aquelles que se dizem *democratas puros*, *regeneradores* do povo, e os primeiros elementos de sua grandeza e liberdade!...

Como, pois, se quer illudir uma população avisada e inofensiva?

Fallais tanto em liberdade e fraternidade; e entretanto quereis a escravidão para os vossos semelhantes, porque quereis uma liberdade falsa, que se apoia na liberdade selvagem que foi primitiva de nossos oriundos; liberdade que agrada aos poetas; que lhes dá thema para eneidas, mas que são meras concepções de um espirito em delirio, ora agitado, ora dormente, e sem acção vital para racionalmente ser livre.

Não é dest'arte que se transformão sociedades bem constituidas.

Quem ha ahi que possa contestar, á fé de sua palavra de honra, que o Brasil não tenha em seu seio uma avultada população heterogenea; quem ha ahi que não conheça que ella acalenta ainda em seu seio uma religião muito proficua em verdade por preceitos, mas ainda falseada, máo grado a lei moral, na pratica dos proselytos de cujo abuso não é o paiz nem a nação culpada? As antigas republicas é verdade que prosperarão por largos annos, em certos e determinados paizes; e isso foi devido ao principio da virtude que então era o seu sustentaculo; logo porém que as ambições e o luxo tomárão a dianteira a esse principio conservador, ellas baqueárão, e cahirão no dominio da morte depois de terem soffrido o jugo da tyrannia com todos os seus horrores!

Roma, fôra a rainha do universo ; por largo tempo jungira diversas regiões ao carro dos seus gloriosos triumphos ; mas logo que fez as conquistas da Europa, da Africa e da Asia ; essa famosa republica foi pouco a pouco abatendo as suas pompas ao passo que augmentava de ambição.

Introduzidos na administração o luxo asiatico e a ambição dos grandes ; inoculados nos corações romanos estes dous sentimentos perigosos, desapareceu como por encanto a virtude do gremio de suas instituições, do seu progresso.

Marius e Sylla, acendendo o facho da guerra civil, levárão a sua desventurada patria á tyrannia dos Tiberios, dos Caligulas, dos Néros e Claudios !

Depois de tantas glorias, essa patria imarcessivel passou por tamanhas provanças ; soffreu as maiores calamidades e cahio por terra arrazada de seus alicerces !

E o que é hoje Roma ? Resta-lhe apenas o nome—a cidade eterna, porque nella reside o poder espirital e temporal do Papa.

Attenda o *Libellista*, que os elementos do velho mundo, as diversas fórmãs de governo porque tem passado, não tem paridade alguma com as do novo, e principalmente com as da nossa cara patria, que encerra em seu seio uma maioria de população escrava, como bem se pôde provar com a mesma provincia da Bahia.

A republica franceza fundada sempre no enthusiasmo grosseiro de um povo assomado e momentoso, sempre descrente do que está feito ; sempre temerario no que vai fazer ; sempre descontente pela sua situação propria ; — por mais de uma vez experimentou as consequencias de seus erros irreflectidos e fataes á propria causa.

Nunca essa nação ganhou mais vantagens do que na época do rei constitucional Luiz Felipe ; as forças perdidas pelo interregno do absolutismo á restauração, e da restauração á democracia—recobrarão novos alentos com o reinado desse homem, que disputára o throno a preço de suas virtudes civicas ; porque elle era cidadão francez, e sobre pôz a todas as ambições os interesses de sua patria.

Luiz Felipe, fez a felicidade de sua nação ; deu-lhe um exercito forte e aguerrido nas armas ; uma esquadra respeitavel no mar ; uma instrucção publica digna da França ; além de outros melhoramentos muito sensiveis com que notabilizou o seu reinado.

Luiz Felippe foi um bom cidadão e um digno francez.

Entretanto, que, pelos prejuizos da democracia egoista e ambiciosa, e que tudo fizera pela força de suas paixões — os filhos do rei finado, vaguêão de cidade em cidade; fugitivos e solitarios do territorio da França; expulsos do lar domestico, como se forão réos de lesa-nação; réos de lesa-humanidade, criminosos de grande monta!

Triste sorte estava reservada á familia dos Orleans! Mal pensavão elles, quando contavão com a dedicação patriotica dos seus camaradas francezes, que ser-lhes-hia invadido o throno que seu pai, rei tão sabio e politico profundo havia fundado sob tão solidas, tão perduraveis e inconcussas bases.

Deixemos porém de parte, as desgraças que affligirão a França no reinado do infeliz rei Luiz Felippe e reatemos o fio ao nosso proposito.

A America hespanhola, nossa lemitrophe circumvisinha, decretada para representar um papel importante no mundo monarchico—graças aos seus elementos de riqueza e fertilidade, arrastada pelo impulso dos Quixotes exaltados (como bem disse um escriptor brasileiro), desprezou o governo que mais lhe convinha aos seus interesses naturaes, para adoptar o outro diametralmente opposto ás suas circumstancias: deste erro politico seguiu-se a divisão do seu territorio em republicas independentes: o enfraquecimento de sua força physica e moral, a perturbação da ordem politica; a liberdade ultrapassou os seus limites; a anarchia veio em seu seguimento, e finalmente o incendio da destruição chegando a toda a parte, tem devorado vidas e riquezas, e assim reduzida á mais deploravel desgraça, vê-se ha mais de quarenta annos victima de cruéis soffrimentos, sem estabilidade nem segurança! E' o enfermo que vive com a doença e com ella morre!

Eis-ahi pois, do reverso da medalha, o mal com feições do bem que figura o mimo que nos quer offerecer o *amigo* da liberdade—o representante de um paiz monarchico constitucional!

Se todos comprehendessem em seu verdadeiro sentido a palavra sacrosanta—liberdade—ah! por certo ella seria uma virtude em todos os corações: mas é que, constantemente ella vive acobertada com o véo da perversidade..

A liberdade, diz *Volney*, é attributo physico inherente á organização do homem, mas ella é sujeita ao principio da

eterna justiça, que fallando ao coração humano, lhe recommenda que não faça aos outros o que não quer que se lhe faça !

Seja-nos licito trazer aqui o que dizia em 1825 um nosso concidadão, a respeito da mudança do nosso governo, quando inexpertos e especuladores trabalhavam para desmoronar o nosso grande edificio social, com as *emendas á Constituição do imperio*. E' que nessas épocas já existião Tartufos e Quixotes com pretensões para dar leis ao mundo ! Dizia elle : « Custa a acreditar o que se passa entre nós ; mas nós somos testemunhas occulares dos factos, e não podemos duvidar da sua existencia, nem tão pouco de que elles são o effeito de uma perversidade elevada á ultima potencia, cujos funestos resultados, quando vingassem, arrastarião o Brasil a sua completa ruína : e isto para que ? Para saciar a feroz ambição desses monstros sanguinarios, infames algozes da patria, e nossos cannibae tyrannos ; que desgraça ! quanto póde a perversa immoralidade !

« Não ha manejo, que os inimigos figadaes do Brasil não ponhão em acção, para os seus desastrosos fins ; a intriga, a falsidade, a aleivosia, e a mentira descarada, são as armas favoritas dos seus manejos ; a seducção, e a illusão, aquellas com que atacão os incautos ; e sempre em acção, quando por um lado trabalhão na nossa desunião para nos enfraquecerem e no desassocego publico para nos inquietarem, e pôr em perturbação os espiritos ; por outro maquinão a destruição dos fundamentos da nossa ordem social, afim de fazerem baquear de uma vez o grande edificio imperial, que assombra sua ignorancia, e não offerece esperanças á sua estúpida e desmascarada ambição.

« A ignorancia sempre foi atrevida ; mas quando se une á perversidade, ella se torna impavida e temeraria, se não encontra uma opposição rigida que a rebata : quantos exemplos temos entre nós dessa verdade ! A perversa ignorancia umas vezes se intitula opinião publica, outras se chama povo, para exigir o que convém aos seus desejos e vontades : ella, apoiada por tresloucados seduzidos e inexpertos, quer constituir-se arbitra dos destinos das nações ! finalmente, ella não sabe o que quer, mas quando se lhe pergunta o que deseja, audaciosa diz : — a revolução —, e assim são os demagogos em toda a parte. »

Palavras eloquentes e generosas, e que trazemos ainda em

refutação ao novo *Libellista*, são aquellas que n'um bello dia escrevêra *E. Girardin*—referindo-se aos governós da sua patria. « Alguns espiritos ardentes e generosos, dizia elle, querem a republica. Elles fazem illusão disto sobre a França e sobre elles mesmos.

« Sobre a França : porque ella recorda-se da republica, recorda-se da interrupção dos negocios e do commercio que tem assignalado a duração da republica. A republica é uma verdadeira confiscação da sociedade civil, commercial e industrial, em proveito da sociedade politica : se é cidadão não se é mais nem mercador, nem manufactureiro, nem juiz. Ora, queremos ser cidadão, isto é certo, e temos mostrado que sabemos quere-lo; mas queremos tambem ser outra cousa; é-nos preciso um governo que permitta o desenvolvimento da sociedade politica, e que os concilie.

« Para estabelecer a republica em França, onde tantos interesses ahi são oppostos, seria preciso ou a dictadura ou o terror, isto é, a abolição da liberdade, e ao mesmo tempo a abolição do credito do commercio, dos negocios, todas as cousas que tem necessidade de repouso.

« Eu desafio aos republicanos para nos conduzir á republica, mantendo a liberdade igual de todas as opiniões.

« Estes espiritos ardentes e generosos enganão-se quando julgão que poderião pôr a França na republica sem opprimil-a; que poderião permanecer na Gironda e não passar a Montagne. Grande erro: não forão os Girondinos, que puderão estabelecer a republica, forão os Montanhezes; e como estabelecerão elles? para dar á França o governo republicano, principiárão elles por opprimil-a e ensanguental-a.

« Ora, o que devemos ter ganho com a experiencia de 40 annos de adversidades, é de saber preferir a liberdade a todas as fórmãs de governo; é de estimar os governos, não pelo nome que elles tem, porém pela liberdade que elles dão.

« Que se desdenhando os argumentos e a discussão, como se pretende que fazem algumas pessoas, se diz que é preciso a republica, ou que se não, haverá uma insurreição, responderemos que não conhecemos em pessoa alguma o direito de dizer que fará uma insurreição.

« O povo de Pariz não se deixa insurreccionar.

« A insurreição de 28 de Junho não foi feita por este ou

aquelle: foi o povo de Pariz que a fez. Toda a insurreição que se fizer occultamente não será mais que uma intriga de praça publica e valeria tanto como uma intriga de bastidor.

« Se se fizesse uma insurreição hoje para a republica ver-se-hia o successo que teria e a differença que existiria entre ella e a insurreição de 28 de Julho !

« A realleza necessitou da experiencia do seu golpe de estado para conhecer toda a sua fraqueza. Façam os que querem o governo popular tambem a sua experiencia, que verão em que minoridade elles são. Elles faltarão com seu golpe como Mr. Polignac, quando como elles, impellir as cousas ao ultimo extremo ! »

Finalisaremos esta primeira parte do nosso libretto consignando algumas palavras de *Domat* relativas ao nosso assumpto.

Comparando o systema do governo monarchico com o republicano diz *Domat*: « Dessas duas especies geraes de governo, a monarchia é o mais universal e o mais antigo; pois que vê-se que todo o universo está em monarchias, á excepção de um muito pequeno numero de republicas, e que se sabe pela historia de todos os tempos e de todos os lugares que esta especie de governo tem sempre sido mais adoptado.

« E pode-se notar que todas as republicas que existem hoje na Europa, aonde ellas são em maior numero juntas, todas não tem senão uma extensão muito limitada, e não existe nenhuma que não tenha sido subtrahida de um governo monarchico; porque todas tem sido desmembradas ou do imperio romano, ou de outros estados monarchicos; e se remontarmos á republica de Roma, a mais florescente que tem existido saberemos que ella procedeu de uma monarchia. Sendo o estado monarchico o mais universal e o mais antigo, podemos dizer que é o mais natural e o mais util; por isso que elle tem a sua origem desde a criação do mundo ! E que tambem é o mais conforme ao espirito da lei divina, e á conducta de Deos sobre os homens pois foi este o governo que Deos escolheu, quando quiz formar um povo, sobre o qual devia fazer resplandecer sua conducta toda poderosa, para figurar um outro povo que elle queria formar de todas as nações do mundo, e que não devia ter tambem senão um unico principe, cujo reino se estendesse a todo o universo e a todos os seculos. »

III.

Confrontação entre a côrte moral e a dissolução de costumes.

O anathema lançado sobre os Cortezãos que circulão o paço imperial, não pôde por modo algum ser admissivel, desde que sem prova e sem razão para acoimar a côrte de corrupta, talvez vandálica, o *libellista* atira, só levado por ficção o estigma reprovado, e cujo dezar resvalla de encontro ás pretensões do escriba pharisaico, mas que não pôde nem de leve tocar na exemplar virtude do soberano, cuja realleza ainda não foi mareada pela dissolução de costumes, nem rodeada pelo escandalo do vicio, como se tem lido em relação a outras côrtes menos morigeradas, nas paginas das chronicas, sem que entretanto possa isso servir de base para se avançar em relação ao nosso paço, o que famigeradamente escrevera o *Libellista*.

Supponha-se porém, que alguns caracteres de desmoralisação se podessem á pesquisa encontrar nas fardas bordadas, ou agaloadas da casa imperial: o que provaria isso demais, se não, que não ha perfectibilidade possível na escolha que o voto ás vezes illudido pôde fazer deste ou daquelle, cujas nodôas não se vêm, mas que podem ser descobertas? Assim pois, não vemos logica, nessa phrase aggressora que vem sem prova clara accusar quem pelo principio monarchico garantido na realleza está incolume, e fóra do circulo dessas armas aggressivas que podem ferir ao individuo, ao particular, ao homem: mas nunca á côrte com todos os seus representantes em geral, que formão o nucleo da residencia imperial.

Se a vossa queda para a liberdade tendesse toda ella á profligação de alguns abusos que dão-se como consequencia necessaria da lacuna que ainda existe, em um paiz novo, cuja côrte ainda não é *historica*, em todas as suas phases, bem: mas fóra mister que não offendesseis a corôa nem magoasseis um monarcha que é o typo de todas as virtudes civicas, um anjo tutellar dos brasileiros. Se procedesseis dessa guiza, poderíeis contar com mais emissarios do vosso apos-

tolado; porque, notai bem, as idéas que aventureis á onda das opiniões, de que o paiz nutre em seu seio uma triplice fileira de homens desmoralizados e corruptos, já não é nova: mas isso é quadro *analytico*, que nada tem de commum com a corôa; e então mal vai, pretender-se que essa corrupção exista exclusivamente na classe dos cortezãos, porque isso é offender cruelmente o bom senso publico.

Falle-se, por exemplo, escreva-se mesmo, uma memoria que condemne especialmente o patronato, a afilhadagem, a certos *bemaventurados*, e accuse-se o governo pessoal, mas louve-se a base governamental; e então melhor se aprenderá. E demais, concedamos o vosso escripto: dizei-nos, onde está ou onde se encontrará a côrte modelo; onde, a que esteja isenta da corrupção que se pretenda descobrir, ou da immoralidade que se queira inocular?...

Se quereis ver as grandes corrupções e as immoralidades avultadas, frequentai as grandes cidades e as côrtes tumultuosas. O mesmo que haveis observado no curto espaço de vossa vida publica, a respeito da corrupção e da centralisação no Rio de Janeiro, deverias ter feito em toda a escala na provincia da Bahia, e em todas as outras do imperio, onde encontrão-se *burgo-mestres*, cuja audacia de mando, faz curvar uma especie de côrte infernal, que tudo atravessa, estraga e corrompe, sem deixar caminhar o progresso. E se quereis concordar com a verdade, não vos reconheceis vós mesmo, um dos cortezãos *caracteristicos* da provincia da Bahia? Certo, porque sois um dos seus centralisadores, porque tendes um pergaminho, sois pertencente a uma familia distincta que aspira brasões e títulos; quereis sobresahir ao povo, e por sem duvida com a *popularidade* que desejais ter, não descereis jámais a hombrear com a pobre massa, onde está o operario e o plebeu! São factos estes da ordem natural das cousas e que não pôdeis nega-los.

Como pois, fallar de cortezãos, como pois fallar da corrupção e da immoralidade? O povo porém, que é sempre bem avisado, tem já penetrado no vosso principal pensamento, na vossa ambição e nos vossos desvarios!

Quereis a liberdade, quereis a fraternidade sem distincção, e no entanto sois o primeiro a dividir pelas posições, as camadas dos cidadãos que constituem a nossa sociedade.

Pobre povo que soffre tudo, e que o induzem a saciar os caprichos de ambiciosos, inimigos reconhecidos pela sombra, de todos os sentimentos nacionaes.

O paiz graças ás suas instituições, graças á indole dos seus habitantes, marcha seguramente para o caminho do progresso ; não será portanto com *proclamações* tresloucadas e sidiciosas, que elle ha de afastar-se da marcha que o leva á civilisação e ao seu engrandecimento.

As proclamações nem sempre são bem succedidas, isto é, não têm o exito desejavel : já lá forão esses infelizes tempos, em que os *tribunos* trepavão sobre um banco, e com um lenço na mão gritavão pela—liberdade e pela revolução ! E o povo todo attendia, porque então o povo ignorava a sua soberania. Hoje porém, que o povo brasileiro já se acha es-carmentado com as provas desse *patriotismo* sem *principio* e sem *moral*, elle repelle altamente a essas loucas idéas, e contempla com esperanças a chegada de um feliz futuro que lhe trás a manutenção da monarchia, desligando-a dos abysmos cavados pela licenciosa democracia.

O povo ainda se recorda das desgraçadas crises porque fizerão passar as infelizes provincias de Pernambuco, Bahia, Minas, S. Paulo e outras ! E é hoje o primeiro a reconhecer que a estabilidade da monarchia constitucional garante a sua segurança individual.

A experiencia já nos tem mostrado, que não é com as acclamações e revoluções que esses intitulados defensores da liberdade, nem com os instrumentos do assassinio e do roubo, que a descoberto apresentam os seus satellites, que o Brasil ha de ser feliz : conhecemos perfeitamente, que a religião, a virtude, a honra, e a boa moral, são elementos que formão a solidez, e firmão a estabilidade dos imperios ; e que o Brasil, para chegar ao complemento de sua prosperidade e grandesa, só carece que se observe religiosamente a nossa constituição jurada, tal qual como foi concebida, porque assim florescerão as virtudes brasilicas, e com ellas a paz e a felicidade que aspiramos.

Que culpa se pôde pois, attribuir ao chefe da nação com a immoralidade que se quer dar á côrte quando perante suas vistas nada se revela, e de cujo facto elle não tem indícios palpaveis ? Por ventura será elle responsavel pelos defeitos dos homens ? Sois injusto.

A nossa côrte, mercê de Deus e dos homens, ainda gosa de uma reputação sisuda, illibada, e mesmo illustrada : ainda conta em seu seio caracteres distinctos e honestos.

Só quem não tiver nenhum conhecimento das nossas ins-

tituições, é que poderá avançar proposições, indicando que a côrte do Brasil influe sobre a corôa, que é, além diſſo, como julgaes desrespeitada pela cortezania de palacio.

O Imperador ainda gosa do nobre poderio sobre a sua côrte, sobre o seu paiz; e a côrte e o paiz são os primeiros que se dedicão ao soberano, com respeito e acatamento, reconhecendo como verdade evangelica, a alta consideração que se deve tributar ao Senhor D. Pedro II.

Feliz de todas as monarchias, se cingissem um diadema como o do Imperador do Brasil; tão austero em seu seus costumes, quão illustrado; tão bem fazejo, quanto religioso; virtuoso sempre e sabio; como soberano adorado; é justo e clemente, sem soberba, sem tyrania, sem ostentação de crueldade, e vivendo pacificamente em uma côrte, que apesar de não ser de anjos, comtudo é de homens estimados e circumſpectos.

Graças á Providencia Divina, que não vivemos sob a influencia maligna de uma côrte, como a de Luiz XIV, ou de uma Maria Antoinette, as mesmas que arrastrarão a França a uma decadencia moral e religiosa, cujos funestos resultados se fizerão sentir em todas as classes da população.

Se a nossa côrte não é um modelo de perfeição, por que isso só é attributo da côrte celeste, ao menos felizmente, não offerece esses exemplos de immoralidade e corrupção, que são tão frequentes em outras d'além-mar, onde a corrupção marcha a par de sua civilisação: compõe-se e decompõe-se a mercê dos elementos.

Nihil est omni parte beatum.

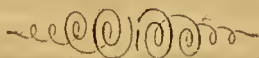
A exageração e a injustiça desse *Libello* difamatorio, nesta parte, contrasta com a verdade, que vimos de proferir; verdade por excellencia, irrefutavel e accessivel a todas as intelligências, a todos os partidos, a todos os bons monarchistas.

Condemnais todos os cortezãos, estabeleceis a regra, mas não admittis excepções: e comtudo não duvidamos apostar comvosco que, se amanhã fosseis chamado para fazer parte dessa côrte sobre a qual lançais apaixonadamente o estigma da reprovação, contra a qual vociferando, alcunhais tão sem pejo, mas sempre atrás dos reposteiros; correrieis presuroso a infilcirar-vos aos cortezãos como o cão de *Pamphagus*, attrahido pelas harmonias de Ovidio....

Assim são todos os *republicanos* de nossa terra: amam a

Deus para illudir; e a *deusa democracia* para fruirem-n'a a seu geito...

A bondade, porém, do nosso adorado monarcha que é um dos seus caracteres mais proficuos, supporta resignado tudo, porque sabe que o dia chegará em que Elle proprio terá de ouvir as supplicas dos desvairados, que receberão de joelhos o seu perdão, porque são taes, que no excesso das paixões politicas esquecem os beneficios da vespera, para constrictos gozarem das aventuras do dia seguinte.



III.

Recapitulação, e condemnação do povo contra os libellos.

Quando a opinião publica se debate, na agitação do entusiasmo e toda ella se levanta para proclamar os louvores que o coração só sabe dizer, — não é possível que seja aceita a palavra daquelle ou de quem quer que seja, que vem á luz do dia pronunciar a phraseologia do despeito, do calculo, e quicá de um talento desvairado—, que não tendo côres vivas para desenhar a vontade de sua ambição,— prognostica males para aterrar, e uma vez o campo livre, abandonado pelos incautos, fica em pé sobre as ruínas para saudar seus triumphos ; e então sóbe pela escada de seus meios para chegar ao apice de seus fins.

Se o maior numero representa o grande partido, se a verdade está mais na somma de vinte mil por exemplo, que aceitão um principio, do que na de um ou dous mil que o recusão ; como haver credits para se darem a quem não tem direito de conhecer das intenções do povo, nem pôde avaliar qual o gráo de intensidade ou densidade do applauso, — porque o povo move-se mais á vontade de seus caprichos do que á de seus directores?

Ainda mesmo dictados assim os periodos que ahi deixamos nem por isso recuamos diante das consequencias e da illação, que se pôde derivar do que fica expellido, e pois vamos entrar em desenvolvimento mais amplo, para pesarmos na balança da razão, e achar qual o valor que podem ter os principios subversivos que estampou em seu *Pamphleto* o escriptor *L. M.*, em relação á viagem imperial do actual Soberano, que nos rege, e que a despeito da oligarchia ainda sustenta como verdadeiro santelmo, o Estado que Deus lhe concedêra, e a cuja guarda está confiada a sua corôa.

Nos paizes classicos onde a liberdade é tão real, que ella por si só constitue a vida e a felicidade do povo, e nos quaes não tomão corpo vãs chimeras, que o pesadello do espirito

na exaltação de seu organismo produz, com o fim de fatigar a razão exausta de recursos, quando pretende crear um principio, deffende-lo ou pleitear uma causa; nesses paizes, dizemos nós, nunca se vio surgir dentre as massas que constituem o complexo da grandeza nacional, um phantasma que correndo apoz sua sombra ateasse no circulo de sua existencia popular o archote da discordia, propagando recriações, que nem ao menos trazem o cunho de uma defesa particular e nem se garante pela reivindicação do interesse geral.

A França ainda hoje é Monarchia, porque ainda não pôde encontrar na resolução de seus problemas revolucionarios nem no tirocinio dessas barricadas famosas que enchem as paginas de sua historia, vantagem alguma senão aquella que afinal tivesse de ser sanccionada, como ainda ha pouco a que proclamava a conversão de republica em monarchia, desenvolvendo estandartes de victoria sobre todos os outros povos monarchicos, e á frente de suas leis, de seus codigos, de suas instituições liberaes, do povo, enfim, offerecendo a corôa, que a historia em todas as suas épocas gloriosas apresentava na cabeça dos reis, dos Soberanos, rodeados da magestade, para afinal ainda hoje, lá estar a França imperio; e Napoleão ser, o monarcha popular.

A Inglaterra onde o predominio feudal avulta em toda a escala de sua poderosa aristocracia, a Inglaterra é um paiz tão classico de liberdade, que a religião do Estado parece ter o seu respeito identificado com a veneração, com que o povo inglez admira-se, enthusiasma-se, enche-se do legitimo orgulho britanico, quando sente rodar pelas vastas ruas de Londres as carruagens que conduzem a rainha Victoria; é um povo essencialmente monarchico, e tal, que o seu—*God save the queen*, — é o melhor hymno do seu coração: é ali entre o povo inglez, que um lord sabe quanto vale, e o cidadão tem sempre de vangloriar-se quando o povo todo se reúne como um só individuo para cooperar, tanto em favor da grande prosperidade da nação, como da inabalavel estabilidade do throno, que para aquelle paiz é uma garantia de grandeza, que o constitue uma das potencias formidaveis da Europa.

Compulsai a historia repleta de factos, que ainda são hoje exemplos que maravilham, e vêde o que foi Portugal.

Na historia das monarchias, é um dos paizes que mais of

ferece ao estudo do homem estadista: o throno foi sempre ali o palladio que guardou como Arca Santa, os despojos dos vencidos e as glórias dos vencedores: paiz pequeno é verdade, mas que ainda hoje conserva tão solidamente o throno, que certamente um dos futuros brilhantes aguarda aquelle reino, onde tributa-se a maior confiança em todas as esperanças que tendem a restaurar suas glórias não emmurchecidas, e que começam a reverdecer á vontade sabia de um príncipe tão jovem mas já grandioso no catalogo, onde se inscrevem os nomes dos monarchas illustrados, magnanimos e verdadeiramente amigos do seu povo.

Não fallaremos das monarchias absolutas, porque ahí o prestigio do poder é indubitavel; mas ainda assim, ninguém negará, que tanto em umas, quer sejam constitucionaes, quer em outras, as monarchias quer sejam absolutas, não haja a aristocracia que forma o grande centro representante da côrte, e por consequencia o germen que produz o que é condemnado pelo *Pamphletista*, cuja animosidade se revolta contra cortezãos, só porque servem com lealdade e dedicação a uma monarchia, que á semelhança das mais bem constituidas, só existe como elemento de ordem, como principio benefico, como complemento de todas as garantias sociaes.

O periodo que anteriormente fica expendido, foi de proposito destacado dos paragraphos antecedentes, porque nós derivando da necessidade indeclinavel das monarchias, como base sobre a qual se consolidão os povos, demonstravamos ao *Pamphletista*, que antes seria melhor e mais coherente descreminar, definindo *Monarchia* e *Cortezãos*, do que confundir—Corôa e Povo.

E em verdade como explicar a santidade de vossas doutrinas, onde está o balsamo que produzirão vossas palavras em beneficio publico? Fizestes por ventura um serviço á causa nacional? Levantaste-vos alçando a cruz e supplicando que vos libertassem, porque os ferros da escravidão vos quebravão os pulsos? Que viestes então fazer?

Que cruzada é essa, que apregoais contra o monarcha, quando elle desce do seu throno e vai ter com o seu povo, revestido do prestigio, cuja competencia lhe está effectivamente marcada pela lei social, assim como pela lei moral, visto que é elle o sustentaculo do edificio nacional?

Quereis por ventura negar-lhe o direito de conhecer palmo a palmo a extensão vastissima do territorio, onde assentão

seus dominios? Pretendeis destruir os attributos da magestade, que deve circumdar seu legitimo poder?

Ou julgais acaso que o governo monarchico ornamentado de todas as suas formulas deve ser uma ficção e não um factó existente, palpavel e digno da administração que sugere todo o respeito?

Mas, ai daquelle, que, segundo a phrase das escripturas, trouxe a pedra do escandalo.

Ai delle, porque nem o arrependimento o salvará dos remorsos de haver dado o exemplo nefando de conspurcar, tão livre e acodadamente, uma causa, que é preceito evangelisado pelos dogmas escriptos em nosso pacto fundamental: verdade inconcussa como principio explicado no direito das gentes, maxime da lei social, que já não pôde ser destruida !

Vio ascender, sobre degrãos de fogo que a ambição de um homem havia edificado, e quiz tambem seguir como o judeu errante as mesmas pisadas, e então, não se lembrando no momento que só á clemencia do homem justo cujo sceptro abria as portas aos relapsos, devia aquelle *mestre*, — o auxilio com que a corôa o prestigiava, entendeu apesar da fé jurada que havia prestado, vir em face de um povo nobre, liberal, pacifico e verdadeiramente monarchico, atirar montões de lixo, sobre a praça publica, pela qual galhardamente havia elle proprio autor de seu *Pamphleto*, passado, forjando planos de conquistas, e projectando ambições de noves pergaminhos e de douradas lantejoulas que lhe enchessem as casas alinhavadas da casaca bordada, que não se pejava de trazer como representante de um povo do qual era mandatario !

E são estes os analyistas que medindo tudo á feição de sua bitola, querem moralisar os actos da razão e os feitos da consciencia. *Contine manum tuam*.

Muito longe em verdade iriamos se por ventura pretendessemos tomar pagina por pagina ; mas nem queremos fadigar o nosso espirito, refutando aquillo que a nação em sua intima convicção já repellio, como caviloso, inconsequente, e até estolido : como igualmente porque tão desconchavado é o assumpto que partio do cerebro escandecido do *Libellista moderno*, a quem nos referimos, que, realmente deixamos só a elle o gozo das pompas vaidosas de seu prestimoso talento em favor de causa tão nobre.

Mas, ainda que tenhamos traçado grande plano no que manifestamos antecedentemente, podemos, consagrando mesmo ao tempo e á reflexão, assim como á calma dos espiritos, afim de que possa melhor ser preenchida esta lacuna que deixamos, e que em quaesquer circumstancias ou emergencias politicas, tem de ser bem desenvolvida, visto que a animadversão é geral contra semelhante *Pamphleto* : não podemos comtudo concluir sem expendermos franca, leal, e convictos, tudo quanto sentimos em relação á viagem imperial.

Os beneficios forão profundamente derramados pela mão bemfazeja do Imperador e Sua Augusta Esposa, sempre accessivel demorava-se mais á porta do indigente, do que no palacio do rico. Estudou todas as necessidades do paiz, que foi elle proprio reconhecer; não erão homens inuteis nem desfavoraveis á opinião de todos os partidos, os que então acompanhavão e cercavão o Imperador: todos elles gosavão na esphera prestigiosa do talento, de virtude, de relevantes serviços, e já como ministros de estado, ou como presidentes de provincias, não tinham alcançado sua posição social á custa das alcatifas, onde rojassem sua inepecia, mas devião tudo ao merecimento e á proverbial honestidade de seus caracteres. Não erão, portanto, nem estes, nem outros, cortezãos fofos ou rachiticos, que trouxessem nas côres de seus nomes a vil lisonja, ou a crapula do egoismo. Homens de estado, homens do povo, cidadãos da patria.

O Imperador tornou-se o homem por excellencia popular, tem sido o melhor typo da nação e isto foi-lhe concedido pela Providencia, que o ornou de saber, de virtudes, e deu-lhe a coragem para vencer e resignar-se no centro de seu povo, dos ataques que o calculo dos ambiciosos por fatalidade tenham projectado contra o esplendor do seu throno.

A viagem imperial por consequencia foi a necessidade vital mais reclamada que a politica, o povo e a historia urgentemente exigirão.

O Monarcha cumprio o seu dever. S. Magestade não cessa em seus bons desejos de conhecer todas as provincias, e assim visitará como em beneficio publico todas aquellas que ainda não forão contempladas, e voltará ao sul e ao norte, porque o soberano é sempre desejado, é sempre caro ao coração de seu povo em cujo centro está garantida sua preciosa existencia e a estabilidade do seu throno.

Ainda não houve escriptor algum, por mais disfarçado que se tenha mostrado na transmissão de suas idéas, quer seja elle publicista, quer historiographo, que haja condemnado como improficuo, perigoso, ou inconstitucional, o reconhecimento pratico que cumpre a todos os chefes das nações, fazerem do solo que dominão, e por onde se estende a escala de sua administração.

Quando o Imperador Pedro II resolveu ir até ás fronteiras do sul do Brasil, os partidos todos congregarão-se e applaudirão essa sabia disposição, que levava o monarcha a pessoalmente ver e ouvir os povos daquelles lugares. Então as provincias do Rio-Grande do Sul, de S. Paulo e Santa Catharina, pronunciarão-se com manifestações patrioticas; e não houve um só filho deste solo abençoado, que não entoasse hymnos de alegria, vendo-se tão perto do principe a quem estavam confiados os destinos de sua grandeza, segurança e prosperidade. Foi a verdadeira luz que até elles penetrou, e reconhecerão satisfeitos que em verdade a lei e as instituições estavam sob a salva-guarda de um principe magnanimo, e que, não embalde, havia jurado manter a integridade e defender o imperio.

Em 1859, a mesma idéa benefica é posta em pratica pela vontade imperial, e então o reconhecimento estendia-se por uma escala de territorio muito maior, pois que as provincias da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Parahyba e Espirito-Santo, ião ser observadas de perto, não só em relação á sua situação geographica, e nisto estava sem duvida o valor de sua vantagem em referencia ás produções commerciaes, como ainda em relação ás necessidades de que, tanto o administrativo, como o solo, precisassem.

Não houve uma só voz que não correspondesse com jubilo ao annuncio feliz da visita imperial.

Como? Pois não haveria no coração dos povos outra seiva de vida que os cerceasse na impetuosidade de seus louvores e enthusiasmos? Quem foi o heróe que o despertou do socego e da tranquillidade em que se achavão?

Que força os arrastou a todas essas gloriosas manifestações? A sua vontade e a sua dedicação pelas instituições.

Elles vião aproximar-se o seu Monarcha, e isso bastou para que satisfeitos reconhecessem que o Imperador comprehendia o seu dever, visitando os seus Estados e compulsando estudos e elementos para compendiar pela sua sabedoria um grande ramo de administração publica.

Uma voz porém se levantou e condemnou o projecto realzado pela vontade imperial.

Mas com que direito? Foi um bem ou um mal para o paiz?...

Vejamos: O Imperador abre seus cofres de clemencia, e reparte por todos os povos do seu continente as graças de sua munificencia.

Creão-se institutos em favor do maior desenvolvimento da agricultura, manancial de beneficios para o povo.

São recompensados relevantes serviços de todos aquelles que só por sua dedicação acompanhão nos desejos de progredir a nação, ao chefe supremo.

Quem comprehendesse a alta missão do Imperador do Brasil, acharia poucos competidores nas casas reinantes, que em um periodo de sua vida que não será nunca longa para salvar o paiz, muitos e vantajosos resultados para a nação.

A dotação do Estado, que Sua Magestade o Imperador percebe, ainda não está em relação, com a beneficente generosidade de seu coração paternal.

Muitos orphãos, muitas familias, existem á custa do bolsinho imperial. Os lycens, as escolas, as faculdades contão muitos filhos da generosidade do Imperador.

Accessivel a todos, o Senhor D. Pedro II ainda anima com sua presença o cultivo das artes, das sciencias e das letras, e sempre sollicito é o primeiro que atravessa o espaço para ver até onde chega a possibilidade do progresso deste vasto imperio, do qual é elle perante Deus e o universo responsavel: nunca seu coração se recusou a enxugar as lagrimas do povo, já tornando-se clemente, já descendo a todas as camadas da sociedade, já acompanhando a nação em todas as suas épocas gloriosas, e partilhando do enthusiasmo popular.

E, entretanto, esses factos estão averiguados e consignados nós annaes florescentes da nossa historia, — mas ainda assim, — vem se dizer á face de uma nação:

Que o soberano sacrificára seus povos, e que sua viagem fôra improficua!...

Porque? Querer-se-ha responsabilisar o Imperador por causas accidentaes que são consequencias da oscillação calamitosa por que passam todos os povos durante certos periodos de sua existencia social?

Repetimos, —foi um bem e nunca um mal, a viagem imperial, —e sem fazermos commentarios longos, —diremos que

a felicidade real do paiz começaria desde que o Imperador não tendo permanente a sua côrte em um lugar fixo,—a estabelecesse em todos os annos em qualquer dos pontos mais importantes do imperio.

Não sejamos mais longos, porque o principio está demonstrado pelo bom senso nacional, de que, o imperio do Brasil, vasto e reclamando sempre providencias que não fação parar a sua marcha progressiva—precisa que seja praticamente reconhecido, pelo seu principal chefe, pelo seu legitimo defensor, pela primeira autoridade social, o Senhor D. Pedro II.



